

# FERNANDO AMADO

# PEÇAS DE TEATRO

Organização de TERESA AMADO e VÍTOR SILVA TAVARES

Prefácio de AUGUSTO SOBRAL



BIBLIOTECA DE AUTORES  
PORTUGUESES



O QUE O PÚBLICO NÃO VÊ

O TEATRO POR DENTRO

20

O QUE O PÚBLICO NÃO VÊ

O TEATRO POR DENTRO

DRAMATURGO — Assim é impossível trabalhar. Não gosto de fechar a porta aos visitantes. Mas é preciso que eles compreendam, que respeitem o trabalho dos autores. Teatro não é tagarelice. Se fazemos teatro é para depois interagirmos em ação... Teatro é ação... Aquela féia embora, espera que venha depois de vulgar... Bem... Vamos ao Gil Vicente. Trouxeram desenhos de papéis?... Ah, que milas disse: uma das alunas queria perguntar qualquer coisa.

ELZA — Eu.

O QUE O PÚBLICO NÃO VÊ  
O TEATRO POR DENTRO

Escrito na década de 50.

## O QUE O PÚBLICO NÃO VÊ

### O TEATRO POR DENTRO

#### PERSONAGENS

##### DRAMATURGO

ZECA

RITA

LUÍS

JOÃO

ANA

PEDRO

DUARTE

GLÓRIA

ANTÓNIO

LEANDRO

##### IMPORTUNO

1.º ESPECTADOR

2.º ESPECTADOR



DRAMATURGO — Assim é impossível trabalhar. Não gosto de fechar a porta aos ouvintes. Mas é preciso que eles compreendam, que respeitem o trabalho dos outros. Teatro não é tagarelíce. Se fazemos teoria é para depois entrarmos em acção... Teatro é acção... Aquele foi-se embora, espero que sem desejo de voltar... Bem... Vamos ao Gil Vicente. Trouxeram decorados os papéis?... Ah, mas antes disso: uma das alunas queria perguntar qualquer coisa.

ZECA — Eu.

DRAMATURGO — A menina como se chama? Desculpe.

ZECA — Não admira: sou novata. Chamo-me Maria José... ou Zeca. Prefiro Zeca.

DRAMATURGO — E qual é a dúvida?

RITA — Anda. Parece que tens vergonha.

ZECA — Não tenho tal. Eu não disse que tinha dúvidas. Houve só uma coisa que não percebi.

LUÍS — Coragem!

JOÃO — Se te atrapalhas deste modo connosco, em família, por assim dizer, o que será num verdadeiro palco?

ANA — Com centenas de olhos pregados em cima de ti...

PEDRO — Para que lhe metem medo? A mim, a ideia de enfrentar uma plateia não me aquece nem me arrefece.

JOÃO — Tens mais sorte que o Zacconi. (*Risos.*) Acho que foi o Zacconi que nunca pôde dominar a ânsia da entrada em cena.

DRAMATURGO — O Zacconi, a Duse igualam-se nesse ponto a qualquer cabotino. Todos fremem, todos anseiam, implorando misteriosas protecções. O fenómeno deriva da própria essência do teatro. O acto de representação envolve surpresa e ameaça. Supõe uma transferência de personalidade — direi antes, uma afirmação de personalidade fora do nosso eu e para dentro da figura oca do personagem. Nunca sabemos bem o que vai acontecer. O personagem, no palco, é como um fantasma que tomasse corpo por uma espécie de desdobramento e que o actor consegue pôr de pé com mil cuidados e mediante mil artifícios.

DUARTE — Posso continuar, mestre?

DRAMATURGO — Continuar o quê?

DUARTE — Tenho debaixo dos olhos os apontamentos do outro dia. (*Lendo.*) As luzes da ribalta, a maquilhagem e o conjunto dos artifícios cénicos constroem uma barreira de protecção — isolam —, ajudam o comediante a encontrar-se de repente no mundo do teatro: mundo vertiginoso porque, embora imagem da vida, as suas dimensões não são as da existência quotidiana.

PEDRO — Na medida em que o teatro é uma arte?

DRAMATURGO — Certamente.

DUARTE (*lendo*) — Por conseguinte a caracterização...

LUÍS (*lendo*) — ... deve ser crua, cortante e perfeitamente irreal.

1.º ESPECTADOR (*erguendo-se na plateia*) — Dão-me licença?

DRAMATURGO — Quem é agora?

JOÃO (*apontando*) — Acolá.

DRAMATURGO (*para consigo*) — O teatro tem isto de mau, que nunca se está completamente seguro.

1.º ESPECTADOR — Vossa Excelência dá-me licença? (*Todos os actores se voltam.*) Se eu compreendi bem, os actores em cena usufruem duma espécie de imunidade.

DRAMATURGO — É uma objecção?

1.º ESPECTADOR — Não senhor. Ao contrário. Sou a favor das assembleias e dos parlamentos; por isso concordo com os privilégios de que gozam os actores. Depois de levantar o pano, e enquanto cada um desempenha o respectivo papel, ninguém tem o direito de se meter com eles.

DRAMATURGO — Acho que tem razão. Mas não perturbe o ensaio.

1.º ESPECTADOR — Já estão a ensaiar?

DRAMATURGO — Começamos imediatamente.

1.º ESPECTADOR (*sentando-se*) — Ótimo.

DRAMATURGO (*a Zeca*) — Qual é afinal a sua dúvida?

ZECA — Desapareceu. Há pouco eu não tinha compreendido o valor da maquilhagem. Julgava que era para a gente se tornar diferente. Mas vejo que não é só isso... E agora estou a recordar. Noutro dia quis provar o meu vestido Luís XIII — um vestido que a minha avó mandou fazer, há muitos anos, para o Carnaval. Calcei os sapatos e empoei-me, a cantarolar um minueto. E súbito fiquei desorientada. Olhei-me ao espelho: as